

meio século depois, a nota pessimista do crítico, a posteridade sepultou tais livros. Estavam ligados, em sua alienação, a traços decadentistas importados: um Naturalismo já despojado de suas notas iniciais e agora reduzido ao esquema do libelo, e um simbolismo de vazias sonoridades verbais. O nome de evidência, por um instante, era o do medíocre poeta do *Cavaleiro do Luar*, Gustavo Santiago, de quem Paulo Barreto escreveria que se alimentava de salada de violetas; os versos apareciam em plaquetas de formatos estranhos e cores escandalosas. Surgem, depois, naturalistas retardados, quando os últimos romances de Zola já mostravam o abandono da aproximação entre literatura e ciência, que ele pensara colocar em termos experimentais. Os últimos naturalistas de importância haviam sido Adolfo Caminha, estreante de 1892, com vida e obra curta, e um pouco do Coelho Neto da *Capital Federal*, de 1893. Veríssimo mostraria que dar-se alguém como naturalista constituía anacronismo, em 1898. A razão estava ainda com o crítico: esses livros naturalistas do início do século XX desapareceram quase sem deixar vestígios⁽²¹⁴⁾.

Há livrarias conhecidas, que os escritores movimentam, fazendo nelas as suas reuniões, ao fim da tarde, e há alfarrabistas e livrarias populares, como a Quaresma, que Pedro da Silva Quaresma instalou, na rua S. José, em 1879, e que é a grande fornecedora de livros de anedotas, de assombrações, de credices, de canções populares, mas também de livros infantis de Figueiredo Pimentel, de modinhas de Eduardo das Neves e de Catulo da Paixão Cearense, em que alguns pretendem ver uma sorte de bardo nacional. São escritores consagrados, às vezes, os que fazem os livros que Quaresma lança aos montes, sem esses nomes ilustres, de pessoas que ainda não podem ganhar a vida fazendo literatura em livro. Machado de Assis vendera ao Garnier a propriedade “inteira e perfeita da obra literária”, cerca de quinze volumes, por oito contos de réis; a 2ª edição do *Quincas*

(214) *Morbus*, de Faria Neves Sobrinho, é de 1898, precisamente; *O Urso*, de Antônio de Oliveira, aparece em 1901; *A Luta*, de Carmen Dolores, em 1911; *Aves de Arribação*, de Antônio Sales, em 1913, embora tivesse aparecido antes em folhetim. Batista Cepelos lançou, em 1910, um romance cujo valor documentário, para estudo da época, é importante: *O Vil Metal*, em que estuda o desenvolvimento capitalista em São Paulo; duas de suas personagens são interessantes, a do literato falhado e a do jornalista imoral, explorador dos ricos. O fato de ter procurado tipificar um e outro, embora não o tenha conseguido, sob a carga de convencionalismo que os falseia, mostra como o literato falhado e o jornalista venal, peculiares à fase de irregular avanço das relações capitalistas, estavam já na atenção dos ficcionistas. Os dois tipos estarão, sob condições muito melhores, adiante, no *Isaías Caminha*, de Lima Barreto, como, embora em proporções menores, em *Numa e a Nínia*. Eram tipos, assim, com os quais a sociedade se preocupava, que se tornavam correntes, que despertavam atenção. Se fôssemos apresentar a série de tipos de jornalistas que a ficção brasileira alinha, o tema constituiria monografia à parte. Eça de Queiroz, como se sabe, ocupou-se largamente deles, também.